

Lixo hospitalar faz a festa

Detrito contaminado volta a ser jogado no aterro sanitário e recolhido por catadores

Vânia Rodrigues

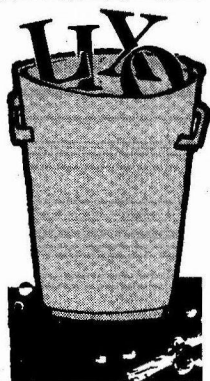
O lixo hospitalar de algumas unidades da rede pública continua sendo despejado no aterro sanitário e recolhido para reciclagem pelos catadores de lixo. Ontem, às 10h00, quando o primeiro caminhão do SLU chegou trazendo cerca de nove toneladas de detritos dos hospitais regionais de Planaltina, Sobradinho, Asa Norte e Hospital de Base, foi uma festa. Cada uma das 10 pessoas que estavam no local começou a separar o seu lote de papéis, vidros, plásticos e até alimentos. "Temos que ser rápidos porque daqui a pouco, a máquina vem para aterrar tudo", afirmou João Galdino, sem interromper suas atividades.

O secretário adjunto da Secretaria de Saúde, Paulo Kalume, disse que desconhece essa situação. "Se isso está acontecendo, não fomos informados. Há dois meses, depois que a usina de lixo voltou a funcionar, a determinação é de incinerar todo o lixo hospitalar", afirmou. Paulo Kalume explicou que a responsabilidade pelo lixo só é da Secretaria enquanto ele está dentro do hospital. "Cuidamos do acondicionamento e do seu depósito correto nos containers, o transporte e destinação é com o Serviço de Limpeza Urbana", ressaltou.

Jorge Roberto Ferreira, superintendente do SLU, se mostrou espantado com o fato de o lixo hospitalar ainda estar indo para o aterro sanitário. "Só se aconteceu algum problema na usina porque estamos cumprindo à risca a determinação de incinerar todo o lixo", justificou. Ele acrescentou que o lixo só vai para o aterro em casos excepcionais, quando quebra algum equipamento e a usina não pode receber as 30 toneladas diárias de lixo hospitalar produzido no DF. Jorge Roberto disse que o correto é despejar o lixo e aterr-lo imediatamente. Mas, na prática, isso não acontece porque os catadores ameaçam os garis e até quebram as máquinas se não deixá-los pegar o seu lixo", afirmou.

O superintendente do SLU disse que isso é cultural e mesmo que o lixo fosse aterrado os catadores dariam um jeito de desenterrar o que lhes interessa. "Recentemente enterramos várias toneladas de carnes impróprias para o consumo, mas os catadores descobriram, desenterraram a carne e se alimentaram com ela normalmente", exemplificou. Jorge Roberto disse que a situação só vai se reverter quando for criado um aterro sanitário onde seja proibida a presença de famílias de catadores de lixo.

O catador de lixo Edson Correia da Silva confirma as explicações do superintendente do SLU e disse que existe um acordo entre ele e os garis. "A gente não espalha muito o lixo e ajuda a enterrar o que não nos serve, e eles só vêm com as máquinas quando nós terminamos a nossa coleta", afirmou. Edson disse ainda que a frequência da chegada do lixo hospitalar no aterro também diminuiu. "Todo dia chegam pelo menos dois caminhões, mas até um tempo atrás era sagrada a vinda de seis caminhões de lixo de hospitais", ressaltou.



Logo após um caminhão do SLU despejar toneladas de lixo hospitalar no aterro sanitário, os catadores começam a remexê-lo em busca até de alimento

Criança come tudo que acha

Cleudicéia Rodrigues da Silva, 10 anos, não fez cerimônia. Imediatamente após o caminhão do SLU despejar cerca de nove toneladas de lixo hospitalar no aterro sanitário, saiu à procura de alimentos. Alguns segundos após remexer vários sacos, ela encontrou pedaços de pão, devorados ali mesmo, no meio do lixo. Cleudicéia disse que é uma alegria quando encontra alimentos "bons", no meio dos entulhos vindos do hospital. "Tem dia que encontro bananas, biscoitos e até pedaços de bifes", ressaltou espontaneamente.

A mãe de Cleudicéia, Doralice Rodrigues Moreira, ainda tentou negar que a filha coma o lixo hospitalar, afirmando que ela estava de brincadeira. Porém, Cleudicéia foi enfática: "Como sim, e até levo um pouco para as minhas irmãs menores que ainda não vêm ajudar a separar o lixo", afirmou. Doralice acabou concordando com a filha e disse que é Deus que olha para que elas não fiquem doente. "Também acho que já criamos resistência e, felizmente nunca ficamos doente", acrescentou.

Pedro Bezerra da Silva, que também selecionava o lixo hospitalar, além dos papéis, garrafas e latas, separou vários sacos com restos de alimentos. Ele, porém, afirmou que a comida não era para a sua família. "Vou dá-las para os porcos", enfatizou. Pedro admitiu que às vezes se sente tentado a comer alguma coisa, mas resiste. "Sei que não é nada saudável, principalmente porque o resto de comida é de pessoas doentes",

ressaltou.

Roupa

Edson Correia da Silva, que todos os dias vai ao local — que eles próprios denominaram de "meningite" — buscar o seu lote de papéis, latas e plásticos, estava usando uma camisa do Hospital Regional da Asa Norte. "Vem muita coisa boa no lixo e nós aproveitamos tudo. Está vendo esta camisa, não tem nenhum rasgado, e estava no lixo", falou orgulhoso. Ele disse que já encontrou até colchão e, não teve dúvidas, levou para casa e o está usando.

O secretário-adjunto da Secretaria de Saúde, Paulo Kalume, explicou que estas pessoas que estão se alimentando com restos de comidas encontradas nos lixos hospitalares estão correndo risco de contrair algum tipo de doença. "Além deles estarem se alimentando com sobras de comidas de doentes portadores de uma moléstia infecciosa, há o perigo de uma infecção intestinal porque estes alimentos já estão em estado de deterioração", ressaltou.

Paulo Kalume lembrou que o risco existe não só no fato das pessoas se alimentarem do lixo. "Só o fato de conviver diariamente junto aos entulhos já existe o perigo de uma doença", destacou. Ele lembrou ainda que os catadores podem ainda se machucar com estiletes e agulhas que são jogadas fora no meio dos detritos. Segundo Kalume, o fato dos catadores aproveitarem as roupas do hospital não traz tanto risco porque uma boa fervura mata as bactérias infecciosas.



A menina devora imediatamente o pedaço de pão encontrado

Destino correto sai em novembro

A solução para a destinação correta do lixo hospitalar está próxima, segundo o secretário adjunto da Secretaria de Saúde, Paulo Kalume. A partir do dia 1º de novembro a coleta nos hospitais passa a ser seletiva. Os detritos de escritórios irão para os plásticos pretos e sua destinação é o aterro sanitário. Os lixos de cozinha serão coletados em sacos verdes e irão para a usina onde serão transformados em adubos. Somente os detritos patogênicos das salas de cirurgias, enfermarias e sobras de comidas de pacientes continuarão sendo ensacados nos plásticos brancos e leitosos para serem incinerados.

Com esta medida Paulo Kalume disse que a incineração será reduzida em 90%, e eles estarão ainda, atendendo uma solicitação da Secretaria do Meio Ambiente (Sematec), de limitar a incineração do lixo hospitalar. Segundo Paulo Kalume desde o dia 19 de setembro, quando o Conselho Nacional de Meio Ambiente decidiu suspender a determinação de queimar todo o lixo hospitalar que as Secretarias do Meio Ambiente e da Saúde vêm se reunindo com o SLU para achar uma solução adequada para a destinação deste tipo de lixo.

Esta foi a melhor alternativa encontrada, afirmou Kalume, acrescentando que em parte ela resolve também o problema dos catadores que não terão mais acesso ao lixo patogênico dos hospitais. "O grande problema, hoje, do lixo hospitalar é que ele é misturado, ficando todo contaminado. Mas com a coleta seletiva está parte ficando eliminada", afirmou.